

LUPA

LIVRO LIVRE

Francisco Bairrão Ruivo

Danuta Wojciechowska

Joana Paz

Sandra Memória Condeia de
Souza

Personaliza esta capa e acrescenta o teu nome

Regista aqui uma breve biografia
para a posteridade...
↓

cola aqui a tua foto



TU ENQUANTO AUTOR DESTE LIVRO

Eu vivo em Vila Velha de Ródão com os meus pais, tenho 14 anos, tenho um cão e uma gata. Frequento a 9.º ano. Adoro fazer este trabalho. Lembrrei-me das histórias que o meu avô me contava sobre Afonso. Achei o livro interessante porque fiquei a saber como era a vida antes e depois do 25 de abril.

Onde estava no 25 de Abril?

Na madrugada de 25 de Abril de 1974, o Movimento das Forças Armadas (MFA) executou um golpe militar que derrubou o regime, praticamente sem violência e sem mortes.

O sinal para o arranque das operações militares foi a música «E depois do adeus», do cantor Paulo de Carvalho, transmitida na rádio, às 22h55. Mais tarde, às 00h20, foi emitida a canção «Grândola, vila morena», de José Afonso, dando indicação de que tudo estava a decorrer como previsto.

A partir das 11h00, as forças de Salguciro Maia, o militar que comandava as operações naquela zona de Lisboa, dirigiram-se do Terreiro do Paço para o Largo do Carmo, onde estava refugiado o Presidente do Conselho, Marcelo Caetano. Tudo isto foi sendo presenciado na rua por multidões que, na manhã do dia 25 de Abril, se concentraram no Largo do Carmo onde assistiram à rendição do Governo.

O golpe decorreu de forma mais ou menos

pacífica, apesar da tensão e de alguns tiros disparados. Prova disso mesmo, foram os cravos distribuídos pelas pessoas aos soldados, ficando o 25 de Abril ligado a esta flor que será sempre, para os portugueses, símbolo da liberdade e da paz. Dias depois, largos milhares de pessoas celebravam apoteoticamente o 1.º de Maio, Dia do Trabalhador!

Depois de o Movimento das Forças Armadas derrubar o regime, foi criada a Junta de Salvação Nacional (JSN) e, dias mais tarde, o primeiro Governo provisório, ambos com a função de governar o país de acordo com um documento que se denominava «Programa do MFA» que, no essencial, apontava para três direções: « Democratizar, Descolonizar e Desenvolver ». Na altura dizia-se os «três dês». Entre as primeiras medidas tomadas estiveram a extinção da PIDE/DGS, da Moçidade Portuguesa e da Legião Portuguesa, a abolição da censura, o reconhecimento da liberdade de expressão e de pensamento, e a libertação dos presos políticos.

→ Encontra alguém que te possa contar a sua experiência desse dia. Sugerimos-te algumas perguntas para descobrires como tudo aconteceu.

COLA AQUI A FOTO
DO TEU ENTREVISTADO



NOME

Manuel dos Santos Barreto

IDADE QUE TINHA
A 25 DE ABRIL DE 1974

29 anos

ONDE MORAVA

Vila Velha de Ródão

PROFISSÃO QUE EXERCIA

Operário fabril



"Na madrugada do 25 de abril estava a trabalhar. Estava na fábrica a operar máquinas."

Onde estava na madrugada do 25 de Abril de 1974?

O que fazia nesse momento?

Y

Como soube
o que estava
a acontecer?

"Soube o que se estava a passar
através do noticiário da manhã da Rádio
Clube Português."

Como reagiu?

"Fiquei muito contente."

O que viu?

"Vi os meus colegas muito contentes."

O que pensou?

"A primeira coisa que pensei foi que
com a revolução estariamos mais livres como
populares em geral."

Onde é que estávamos no 25 de Abril?

Estávamos, inteiros ou parcelares,
no coração das sombras, cativos de ritos,
preconceitos e convenções. Todos, sem exceção.
De esquerda ou de direita. Nem de outra forma
poderia ser. Porque foi um momento,
um trémulo momento, em que nenhum
de nós foi inútil ou insignificante.

Baptista-Bastos, entrevista com Manuel de Mello, *O pulsar da Revolução: cronologia da Revolução de 25 de Abril (1973-1976)*, 1997

“Ouvi as pessoas na rua a explicarem-nos o que era o 25 de abril e que servia para nos conquistar a liberdade de expressão em Portugal.”

O que ouviu?

Com quem falou?

“Falei com os meus camaradas.”





O 25 de Abril mudou completamente o rumo da minha vida. Nunca mais voltei a ser o mesmo indivíduo. A aprendizagem política provocou uma revolução dentro de mim (...) Para quem nunca tinha vivido a política, foi uma experiência única. Eu sentia-me nos pincaros da tua.

(Frase de) Rogério Dias de Sousa,
in Francisco Martins Rodrigues,
O futuro era agora: o movimento
popular do 25 de Abril, 1994.



Para onde foi?

“Não fui para lado nenhum. Como estava a trabalhar mal os deixaram sair.”

O que sentiu?

“Senti de imediato uma grande alegria pois já podia reivindicar a minha liberdade e as coisas a que tinha direito.”

"Após saber tudo isto, achei que estava a acontecer algo que iria ser lembrado como uma página na História da humanidade em geral pois agora pensámos a ser vistos pelo mundo como um povo libertado."

O que achava que estava a acontecer?

Com quem partilhou esta experiência?

"Partilhei-a com os meus camaradas e a minha família."

"O que mais me impressionou foi ver toda a gente sain à rua a cantar "Enândala, Vila Morena", dizerem palavras de ordem como "25 de abril sempre" e na rádio "Aqui, o Movimento das Forças Armadas."

O que mais o impressionou?

O que mudou para si nesse momento?

"A partir desse momento percebi-me que já podia dizer tudo o que quisesse sem ter medo que me prendessem ou torturassem."



“Certamente, foi ver as pessoas na rua e ouvir a alegria de todos os portugueses e a calma das massas soldados que fizeram, pela primeira vez no mundo, uma revolução com canos em vez de balas.”

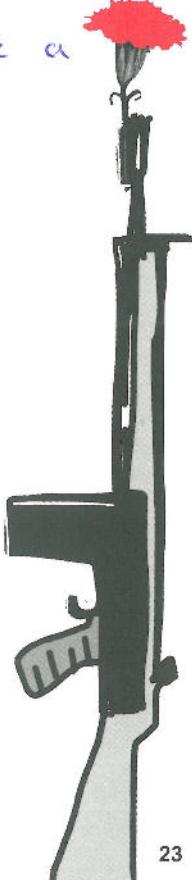
Qual o momento mais marcante desse dia?

Acha que este foi um episódio importante na sua vida? Porquê?

“Claro que sim. Tanto a minha vida como a de todos os portugueses mudou, a partir desse dia deixámos de ser um povo de oprimidos, iniciou-se a construção de um país democrático.”

Manhãzinha cedo (...), tigo o rádio e ouço: «Aqui, o Movimento das Forças Armadas, que resolveu libertar a Nação das forças que há muito a dominavam. Viva Portugal!» (...) Sinto os olhos a desfazerem-se em lágrimas. Ainda assisti à morte deste maldito meio século de opressão. (...) Abro a janela e apetece-me berrar: acabou-se! (...) A televisão mostrou-me um dos mais belos momentos da História deste povo: a saída dos presos políticos de Caxias. (...) E o telefone toca, toca, toca... Juntámos as vozes na mesma alegria. Só é pena que os mortos pela PIDE não nos possam também telefonar. Saio de casa. E uma rapariga que não conheço, que nunca vi na vida, agarra-se a mim aos beijos. Revolução.

José Gomes Ferreira, Poeta militante III — viagem do século vinte em mim, 1993.



→ Conheces alguém que tenha estado na guerra? Que experiências terá para contar?

Faz uma entrevista a quem tenha vivido esta realidade, testemunhada do lado português ou do lado africano. Mas, atenção! Lembra-te que, para algumas pessoas, a memória da guerra é algo difícil de lidar. Podes, então, sugerir recolher o testemunho sem citares o seu nome, ou seja, anonimamente.

João Luís Mangues da Ascensão 62 anos

"Estive destacado em Tete, Moçambique durante 2 meses,
Tinha 22 anos."

Onde esteve
destacado? Durante
quanto tempo?



Que idade
tinha?

"Fazia parte da patente 'Pelotão Antiaérea fixa' (PAA 75/75). A nossa função era fazer columnas para a barragem de Caboara - Bassa. A coluna era feita ao quilómetro 19 de Tete à guarnição de camiões para a barragem."

Qual a sua patente?
Que funções
desempenhava?



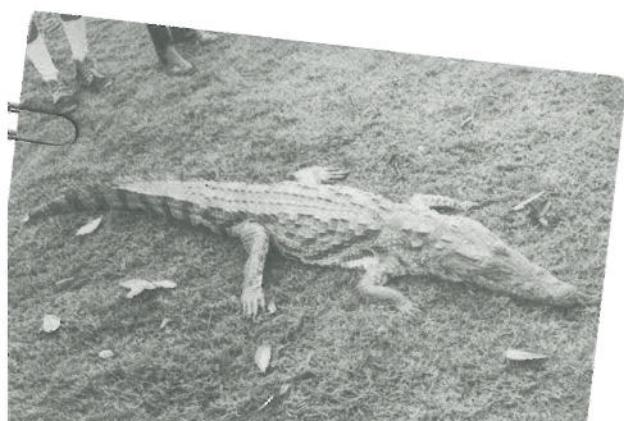
Que memórias
tem das pessoas que
o acompanharam e dos
sítios onde esteve?

"As memórias que tenho são,
principalmente, as das convívios com
os meus colegas."

"Boas e más, por vezes passávamos
por uma cidade, fardados, e os idosos de lá
ajoelhavam-se e tiravam o chapéu."

Que cores, cheiros
e sons recorda?

"As cores eram as das nossas trajes
e as cores vivas das roupas das outras
pessoas, o cheiro a pó que os carros levantavam
e o barulho das bolas durante os tinoteios."



A

“Ver colegas meus serem mortos ao pé de mim por acidente: nós estávamos armados com G3 que tinham dílagrâmos (gramados) na ponta do cano, o moso Funnel (sargento), inclinou aarma para o lado e o dílagrâma caiu e rebentou. Morreram três colegas meus. Um outro momento foi de regresso a Tete, na aldeia de Muha, e próximo da aldeia sofremos uma emboscada, com o susto e o barulho dos balões saltámos da viatura para nos abrigarmos. Eu parti uma perna e fraturei o crânio. Fui levado para Lourenço Marques e quando voltei a Portugal fiquei 1 ano no hospital.”

Que momentos o marcaram?

“Foi uma guerra mal feita. As colónias tinham donos e a respeito da macionalizações podia ter-se falado sobre isso e fazerem negociações até que chegasse a um acordo para os portugueses ficarem lá, pois era melhor.”

Qual a sua opinião sobre esta guerra?

A descolonização

O fim da guerra colonial levou à muito aguardada descolonização. Contudo, este foi um período difícil para portugueses e africanos. Estes últimos encontraram enormes dificuldades com a independência, mergulhando alguns deles em terríveis guerras civis, num quadro de grande pobreza. Para Portugal foi, também, um momento de adaptação a uma realidade nova. Houve um súbito aumento da população. Mais de 500 mil portugueses que viviam, sobretudo, em Angola e Moçambique, chegaram a Portugal. E regressaram, também, inúmeros soldados. Além disso, muitos africanos vieram para o nosso país em busca de melhores condições de vida. Estas situações criaram problemas graves à economia e à sociedade portuguesa. Foi um grande desafio receber e integrar tanta gente.

Entretanto, Portugal abriu-se ao mundo, deixou de ser um país condenado pela ONU, criticado por outros países e iniciou um processo de integração europeia que se concretizou em 1986 com a entrada para a Comunidade Económica Europeia (CEE), atualmente designada União Europeia. Estabeleceram-se, também, novas relações com os países africanos, com quem se mantiveram laços de proximidade.

A Constituição Portuguesa atual defende que Portugal é hoje, ao contrário do que era antes do 25 de Abril, um país que respeita a independência nacional, os direitos humanos, o direito à autodeterminação e à independência, que defende a paz e o desarmamento, rejeitando, também, o imperialismo e o colonialismo.

→ A descolonização foi um processo difícil. Muitos tiveram de abandonar o país onde viviam e deixar lá grande parte dos seus bens. Conheces alguém que tenha vindo de África para Portugal depois do 25 de Abril? Conta aqui a sua história...

Fidomena Mendonça Coimbra 46 anos

Onde vivia?

"Em Gondola, Moçambique."

O que fazia?

"Tinha entrado para o 1º ano, ainda era uma criança."

"Quando a minha mãe teve uma conversa comigo e me disse que íamos de volta, porque já não era seguro continuarmos em África."

Quando e como percebeu que tinha de vir para Portugal?

Como foi a viagem?

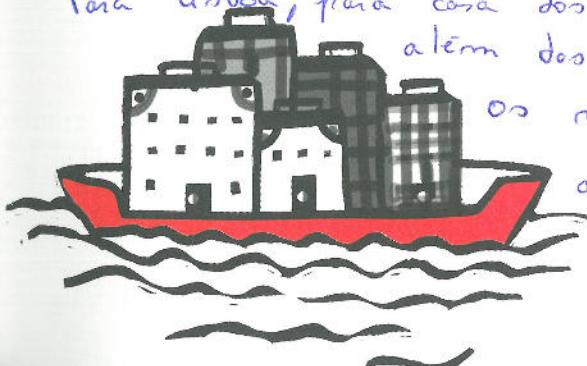
"Para mim foi um pouco estranha porque não tinha recordações de Portugal e da família, que a minha mãe me foi explicando durante a viagem."



"Para Lisboa, para casa dos meus tios. Para além dos meus tios tinha os meus avós e alguns primos."

Para onde foi quando chegou a Portugal?

Tinha família à sua espera?



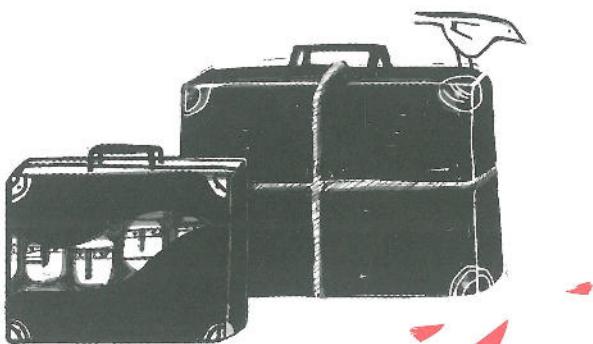
Teve algum tipo de apoio do Estado português?

"Não me recordo desses promessas mas penso que não." "Ainda era muito pequena."

Qual foi a sua atividade depois de chegar?

"Voltei para a escola em Odivelas."

"Em África tire uma infância muito feliz, sem privações de nada. Em Portugal foi tudo muito diferente começando pelo clima e pela roupa, e a falta de dinheiro. Até o meu pai conseguir encontrar um emprego a vida só não foi tão fácil."



“Todos os dificuldades que me minha adaptação a Portugal, as pessoas a olhamos de lado e a chamam-nos retornados e a digerem para voltarmos para África. Sent-me muito mal, mas queria sair de casa.”

Que memórias guarda desses tempos de mudança?

Como se sentiu?

“Sinto muitas saudades do clima, dos amigos que deixei para trás e da vida que se vivia em África.”

Do que sente mais saudades?

Liberdade, segurança e direito à privacidade



ARTIGO 27.º

(DIREITO À LIBERDADE E À SEGURANÇA)

«TODOS TÊM DIREITO À LIBERDADE E À SEGURANÇA. NINGUÉM PODE SER TOTAL OU PARCIALMENTE PRIVADO DA LIBERDADE, A NÃO SER EM CONSEQUÊNCIA DE SENTENÇA JUDICIAL (...).»



ARTIGO 34.º

(INVIOLABILIDADE DO DOMICÍLIO E DA CORRESPONDÊNCIA)

«O DOMICÍLIO E O SIGILO DA CORRESPONDÊNCIA E DOS OUTROS MEIOS DE COMUNICAÇÃO PRIVADA SÃO INVOLÁVEIS (...).»



ARTIGO 35.º

(UTILIZAÇÃO DA INFORMÁTICA)

«TODOS OS CIDADÃOS TÊM O DIREITO DE ACESSO AOS DADOS INFORMATIZADOS QUE LHES DIGAM RESPEITO, PODENDO EXIGIR A SUA RECTIFICAÇÃO E ACTUALIZAÇÃO, E O DIREITO DE CONHECER A FINALIDADE A QUE SE DESTINAM (...).»

As forças de segurança servem para proteger os cidadãos, garantir a segurança, prevenir e combater crimes.

No passado não era bem assim. Havia uma polícia política, que ficou conhecida como PIDE⁴, cuja missão era proteger o regime em vez de proteger o povo, ou seja, perseguir todos os que fossem considerados inimigos do Estado Novo. As suas funções eram de vigilância e investigação o que, na prática, se

resumia a repressão e perseguição política. Prendia, espancava, interrogava, torturava e usava a chantagem para obter informações pretendidas, confissões de culpa e denúncias. Por vezes, até matava. Recorria a escutas telefónicas, à violação da correspondência, a buscas nas casas, a informadores e à vigilância dos seus suspeitos, sobre quem elaborava fichários. As vítimas eram muitas vezes interrogadas sem a presença de um advogado.

Os agentes da PIDE podiam estar nos cafés, nas escolas, nas universidades, nos partidos, nas empresas. Podia ser um colega de trabalho, o engraxador, o empregado de café, o barbeiro. A privacidade das pessoas não era minimamente respeitada.

Porém, hoje o Estado tem mecanismos para garantir o respeito pela privacidade e a proteção dos dados pessoais dos cidadãos.

⁴ Entre 1933-1945 chamava-se Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE), em 1945 passou a chamar-se Polícia Internacional e de Defesa do Estado e, a partir de 1969, Direcção-geral de Segurança (DGSS).

→ Para a maioria das pessoas, a PIDE será certamente lembrada como algo tenebroso. Conheces alguém que te possa contar a sua experiência com a PIDE? Entrevista-a, mas, atenção! Pode ser um assunto delicado...

João Luís Monques da Ascensão

"A PIDE era como uma polícia escondida, eles andavam à paisana a passar e a ouvir se digramos mal do Salazar ou do Governo para nos apanharem, prendem e torturarem."

Como se sentia a presença da PIDE no dia a dia?

O que o levava a recuar a PIDE?

"Era, claramente, o medo dos castigos e das torturas que nos podiam fazer, porque era tudo secreto."

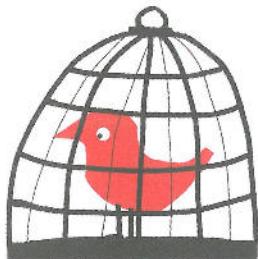
"Se falássemos mal do Governo com alguém que não soubissemos que era da PIDE éramos logo apinhados, eles também tentavam putar o assunto, mostravam-nos o cartão e fiamos logo."



Chegou a ter
um processo
na PIDE?

"Never tive nenhum processo. Nunca
conci o risco de ser preso, mantive o
silêncio na maioria das vezes."

Correu o risco
de ser preso?
Porquê?



→ Sabes os nomes das prisões políticas do Estado Novo?

Regista-as aqui. Fonte de Peniche

Prisão de Algibe Prisão de Caxias
Campo da Ribeira do Tarnafal

Sabias que, na tarde do dia 25 de Abril, agentes da PIDE abriram fogo sobre as pessoas, causando quatro mortes e vários feridos? Foram as últimas vítimas desta polícia política. A sede da PIDE⁵ ficava no Chiado. Tenta descobrir se encontras na fachada do edifício alguma homenagem a estas vítimas...



“Para evitar a PIDE apenas falava com as pessoas que eram de confiança, mesmo assim não dizia tudo. Outras vezes nem falava, era melhor.”

O que fazia para
evitar a PIDE?

⁵ Sede da PIDE — Rua António Maria Cardoso, n.º 38, Lisboa.



→ Pergunta a alguém mais velho como vivia na sua infância: como era a sua casa, o que comia, se tinha água e eletricidade facilmente disponíveis...

Apenas me lembro do que os meus avós me contavam,

A infância deles foi pobre mas nunca passaram fome nem sentiram fescalos, frequentaram a escala, as casas não tinham eletricidade ou água canalizada. A alimentação era feita com os produtos cultivados e com os animais que criavam, também faziam o seu próprio pão.

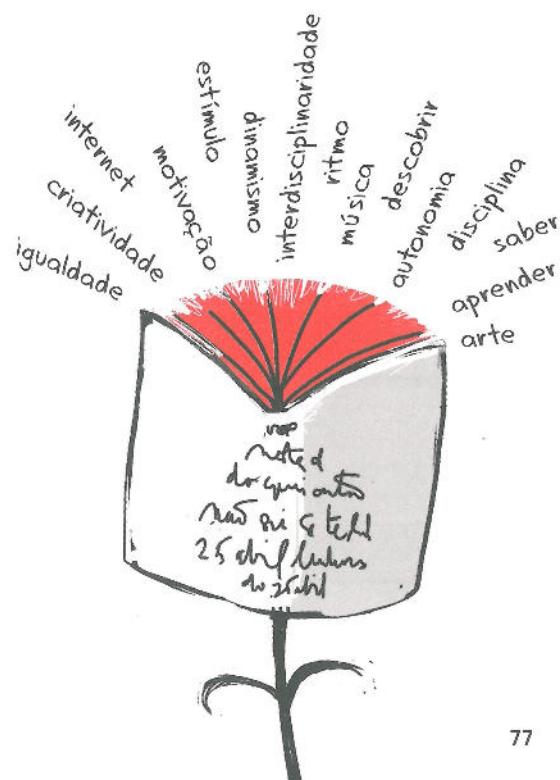
→ A Constituição fala na participação democrática no ensino. O que gostarias de mudar na tua escola e no ensino? Como imaginas que será a escola do futuro? Desenha ou escreve aqui as tuas ideias.

Na minha escola há algumas coisas que gostava de mudar a começar pelos favoritismos que alguns professores têm devido aos alunos que lhes fazem todas as vontades para serem favorecidos.

Também gostava de mudar as condições da escola como, por exemplo, nos balneários, onde a água morna é quente porque a caldeira está estragada ou o campo velvado que mola é negado.

Em relação ao ensino gostava que os professores explicassem melhor a matéria e levasssem o seu trabalho mais a sério.

A escola do futuro, na minha opinião, não vai mudar muito porque os professores também não.



Património, cultura e desporto



ARTIGO 78.º

(FRUIÇÃO E CRIAÇÃO CULTURAL)

«TODOS TÊM DIREITO À FRUIÇÃO E CRIAÇÃO CULTURAL, BEM COMO O DEVER DE PRESERVAR, DEFENDER E VALORIZAR O PATRIMÓNIO CULTURAL (...).»



ARTIGO 79.º

(CULTURA FÍSICA E DESPORTO)

«TODOS TÊM DIREITO À CULTURA FÍSICA E AO DESPORTO. (...) INCUMBE AO ESTADO (...) PROMOVER, ESTIMULAR, ORIENTAR E APOIAR A PRÁTICA E A DIFUSÃO (...) BEM COMO PREVENIR A VIOLENCIA NO DESPORTO.»

Nos teus tempos livres tens a possibilidade de usufruir livremente de uma série de infraestruturas culturais e desportivas à tua disposição.

No Estado Novo, grande parte da atividade desportiva e dos tempos de lazer era desenvolvida na Mocidade Portuguesa, instituição que tinha como um dos seus objetivos principais enquadrar a juventude nos valores do regime. Também para os trabalhadores, o Estado Novo tinha uma instituição dedicada aos seus tempos livres: a FNAT (Fundação Nacional

para a Alegria no Trabalho).

Atualmente, compete ao Estado desenvolver e apoiar o desporto e a cultura. Podes e deves aproveitar para praticar atividades desportivas, conhecer o património nacional e usufruir dos bens culturais à tua disposição! Piscinas, bibliotecas, pavilhões desportivos, museus, monumentos ou salas de espetáculo estão à tua espera. A escolha é tua!

Afinal, não é por acaso que a Constituição diz que todos têm direito à cultura física, ao desporto e à fruição e criação cultural!

→ Procura alguém que tenha feito parte da Mocidade Portuguesa e entrevista-o. Podes também encontrar alguém que não tivesse pertencido e tentar descobrir porquê.

José Manuel Baptista Rodrigues 60 anos

Com que idade entrou para a MP?

"Tinha 11 anos."

Gostou de fazer parte da MP?

"Não tinha consciência do que significava visto que era obrigatoria para quem frequentava os colégios em Portugal."

Havia rituais ou atividades que o incomodavam?

"Eram essencialmente físicos mas aprender a marchar e participar em cortejos de homenagem à Pátria era incansável."

Que diferenças encontra entre a atividade desportiva praticada na Mocidade Portuguesa e a de hoje em dia?

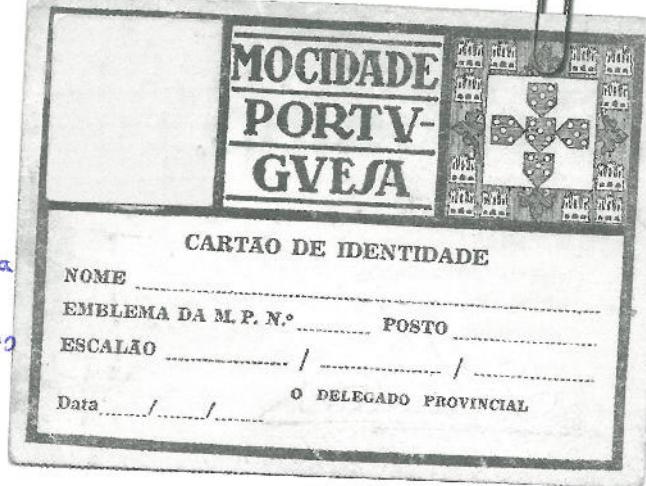
"Não há comparação possível porque maguele tempo os exercícios eram de preparação para uma futura vida militar e os rituais imitavam o que se passava na Alemanha nazi."



→ Caso o teu entrevistado tenha uma fotografia desta altura, coloca-a aqui.

"Não me recordo de possuir este cartão. Só frequentei a MP enquanto foi obrigatório. Sei que havia uma rede local que alguns frequentavam e com postos na hierarquia,

Reconto-me que no colégio fomos obrigados a usar uma farda que incluía um bivaque, uma camisa castanha com o emblema das 5 quinas, um cinto cuja fibela tem a forma de S, uns calções de cor creme e umas meias castanhos até aos joelhos."



"Comecei a saber isso quando os mais velhos nos diziam que o S do cinto significava: Sou socialista sem Salazar saber."

Tinha consciência que a Mocidade Portuguesa tentava enquadrá-lo nos valores do regime?

"Ai compreendi que havia alternativas políticas que se opunham ao Estado Novo."